

uma vez ele prometeu ao barão de Cotegipe todo o nosso apoio — nós respondíamos uns pelos outros — se fizesse concessões ao movimento. Ao contrário de Rebouças, Serra era um espírito político, mas, acima do seu partido, do qual fora, durante a oposição, o mais serviçal dos auxiliares, colocava a nossa causa comum, com uma sinceridade íntima que nunca foi supeitada. . . ‘Passamento do grande Joaquim Serra, escreve Rebouças no seu *Diário* de 28 de outubro de 1888, companheiro de Academia em 1854 e de luta abolicionista de 1880-1888, o publicista que mais escreveu contra os escravocratas’. ‘Ninguém fez *mais* do que ele’, escreveria Gusmão Lobo por sua morte. . . e quem fez tanto?’<sup>(160)</sup> Joaquim Serra foi, sem dúvida alguma, um dos maiores jornalistas brasileiros<sup>(161)</sup>.

O movimento abolicionista, em 1884, alcança vitória de grande repercussão: a província do Ceará extingue o cativo em seu território. Resultara da mobilização das camadas populares, os empregados do comércio, os trabalhadores de terra e do mar, os heróicos jangadeiros que paralisaram o tráfico negreiro interprovincial, recusando-se a transportar escravos, os intelectuais, com o jornal *O Libertador* à frente, como órgão da Sociedade Cearense Libertadora. O acontecimento foi amplamente comentado pela imprensa abolicionista em todo o país e motivou a multiplicação de órgãos que se batiam pela causa libertadora. Já não eram poucos e isolados, como *O Filantropo*, órgão da Sociedade Filantrópica, que José Antônio do Vale Caldre e Fião fundou e dirigiu no Rio, antes de retirar-se aos seus pagos. Eram agora centenas, nas capitais e no interior, como os jornais republicanos, e as duas causas quase sempre se confundiam. A da Abolição destacara, em S. Paulo, um grande jornalista negro, Luís Gama; destacaria outro, no Rio, José do Patrocínio, que começara, em 1877, colaborando na *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, até 1881, e comprara logo depois a *Gazeta da Tarde* e, mais adiante, a *Cidade do Rio*, tornando-se um dos mais apaixonados lutadores pela causa dos escravos. Koseritz conheceu o

(160) Joaquim Nabuco: op. cit., págs. 206/207.

(161) Joaquim Serra (1830-1888) nasceu no Maranhão, onde estreou na imprensa, aos vinte e um anos, no *Publicador Maranhense*, que João Francisco Lisboa fundara, em 1842, então dirigido por Sotero dos Reis e que era órgão oficial do governo da província, saindo três vezes por semana, até 1862, quando se tornou diário; Serra redigia ali folhetins literários, sob o pseudônimo de Pietro de Castellamare. Aos vinte e quatro anos, redigiu o hebdomadário *Ordem e Progresso*, com Gentil Homem de Almeida Braga e Belfort Roxo, órgão liberal, do qual passou à *Imprensa*, ao *Progresso* e à *Coalizão*. Fundou, em 1867, o *Semadário Maranhense*, revista literária que se agüentou até o ano seguinte, quando Serra transferiu-se para o Rio, onde foi diretor do *Diário Oficial* e deputado pela sua província. Redigiu a *Reforma*, quase sozinho, e, depois com a colaboração de Francisco Otaviano, Tavares Bastos, Afonso Celso, Rodrigo Otávio, José Cesário de Faria Alvim, e onde Artur Azevedo se iniciou, como revisor. Serra colaborou no *Jornal do Comércio* e no *País*, sendo uma das maiores figuras do movimento abolicionista.